

Secretaria
de Educação e
Esportes



GOVERNO DE
**PER
NAM
BU**CO
ESTADO DE MUDANÇA

DIREITO, GÊNERO E IGUALDADE

PERNAMBUCO

Secretário de Educação e Esportes

Ivaneide Dantas

Secretário Executivo Planejamento e Coordenação

Mônica Maria Andrade

Secretária Executiva de Desenvolvimento da Educação

Tárcia Regina da Silva

Secretária Executiva de Ensino Médio e Profissional

Gilson Alves do Nascimento Filho

Secretário Executivo de Administração e Finanças

Gilson Monteiro Filho

Secretário Executivo de Gestão da Rede

Igor Fontes Cadena

Secretário Executivo de Esportes

Leonídio

Equipe de elaboração

Janiara Almeida Pinheiro Lima

Equipe de coordenação

Gerente de Políticas Educacionais do Ensino Médio (GEPEM/SEDE)

Janine Fortunato Queiroga Maciel

Gestor Pedagógico (GEPEM/SEDE)

Rômulo Guedes e Silva

Chefe da Unidade do Ensino Médio (GEPEM/SEDE)

Andreza Shirlene Figueiredo de Souza

Revisão

Ana Caroline Borba Filgueira Pacheco

Ana Karine Pereira de Holanda Bastos

Andreza Shirlene Figueiredo de Souza

Sumário

1. Apresentação	5
2. Conversando sobre o conceito de gênero	7
Orientações para realização de atividades	13
Orientações para a Avaliação	14
3. Os movimentos sociais feministas e as construções das bases legais de apoio à mulher	16
Orientações para realização de atividades	23
Orientações para a Avaliação	26
4. Referências bibliográficas	27

I. Apresentação

Prezado/a professor/a.

Direito, gênero e igualdade é uma Unidade Curricular, destinada aos/as estudantes do 3º ano do Ensino Médio da Rede Pública Estadual de Pernambuco, e fundamentada na Portaria nº 1.432/2018, que orienta a elaboração dos Itinerários Formativos.

Esta Unidade Curricular (UC) está inserida na Trilha Formativa *Direitos Humanos e Participação Social*, integrando o rol de Unidades Curriculares (UC) do primeiro semestre no 3º ano. É importante salientar que, na nova organização curricular, todas as UC 's propostas nas Trilhas, existem um ou mais eixos estruturantes que as embasam quanto às habilidades a serem desenvolvidas durante a prática pedagógica com os/as estudantes.

O eixo estruturante desta UC é o da *Investigação Científica*, cuja habilidade a ser desenvolvida é:

EMIFCHS03PE: Selecionar e sistematizar, com base em estudos e/ou pesquisa em fontes confiáveis, temas relativos à condição da mulher em diferentes contextos históricos, sociais, econômicos, filosóficos, políticos e/ou culturais, no Brasil e no mundo, desenvolvendo a criticidade e intervenções práticas em relação a cenas do cotidiano.

Esta **Unidade Curricular** propõe, na sua **ementa**, os seguintes tópicos a serem abordados pelo/a professor/a ao longo da sua prática pedagógica:

Concepção de gênero, os movimentos feministas, compreensão das categorias identidade de gênero, relação entre gênero, classe social, raça, etnia, desigualdade de gênero e direito, no âmbito nacional e internacional. O processo de superação do machismo/patriarcado e suas relações contemporâneas.

Importante considerar, também, que esta Unidade Curricular dialoga com a Formação Geral Básica (FGB) a partir da transversalidade que o tema propõe e visa aprofundar este conhecimento a partir das reflexões teóricas sobre os assunto, objetivando a pesquisa, a leitura crítica e o desenvolvimento de análise de dados, estimulando o protagonismo do/a estudante na construção de sua aprendizagem.

Ainda, este material de apoio constitui-se como um caminho para o desenvolvimento desta UC, ou seja, é um percurso formativo e não um modelo engessado, logo o/a professor/a tem autonomia para fazer uso deste e adequá-lo à sua realidade.

Portanto, o mesmo instiga a pensar sobre a condição da mulher em diferentes contextos, debater sobre as tessituras sociais que circunscrevem o feminino e o masculino, refletir sobre os opressões e resistências femininas ao longo da história e da contemporaneidade.

2. Conversando sobre o conceito de gênero

Há uma complexidade no que tange ao conceito de gênero diante das diversas nuances que o ele abrange. Para tratar desta palavra que emerge a tantos significados, é preciso lançar um olhar decolonial, no sentido de desfazer pensamentos consolidados sobre o ser masculino e o feminino, construído à luz de uma sociedade ancorada no machismo e patriarcalismo, como a brasileira.

No entanto, essa discussão é pan-territorial, pois não se inicia e tampouco se encerra no Brasil, sendo uma construção da humanidade e seus olhares para os entes sociais que fazem parte dela.

Alguns autores debruçaram-se sobre os estudos de Gênero, como Beauvoir (1970), J. Scott ([1989], 1995), J. Butler (2016), J. Stuart Mill (2019), F. Engels (2017), M. Wollstonecraft ([1792], 2021), Flora Tristan ([1888], 2000), por exemplo, iniciando as discussões sobre a temática para além do que determina a Biologia.

É tão abrangente o conceito de gênero que a transdisciplinaridade que o atravessa ainda não dá conta de findar um conceito que atenda as demandas da dinamicidade social e nem tampouco os currículos conseguem externar a discussão a contento, cabendo aos professores expandir essa discussão e ressignificar as práticas docentes a partir das suas realidades junto a comunidade escolar.

Em princípio, considerando os movimentos feministas e sua relevância social, envereda-se pela vertente de que as relações de gênero, enquanto fruto do constructo sócio-histórico, espacial e cultural, discorre que ser considerada e constituir-se mulher ou homem, são percepções sobre si mesmo e de si mesmo, baseadas na forma como as relações sociais são apreendidas e perpassadas de geração em geração (Rorty, 1996).

Desse modo, à luz das ciências sociais, um primeiro conceito de gênero pode ser desenhado à luz de Simone de Beauvoir (1970) frente a sua cientificidade em

contraponto à lógica social estruturada a partir do machismo e patriarcalismo à época. A autora quebrou paradigmas escrevendo e denunciando em seu primeiro livro as desigualdades existentes entre homens e mulheres, chegando a conclusão, depois de constatar o constructo social masculinizado que “não se nasce mulher, torna-se”, levando a reflexão sobre os diferentes lugares que as mulheres podiam estar, para além das expectativas de seus “donos” (pais, irmão, tios, etc.).

Essa discussão, que incitou as mulheres a resistirem às opressões, inspirando os movimentos feministas, já foi tema de redação do ENEM em 2015 e subsidiou questões acerca e como ainda vem sendo discutido de forma preconceituosa a partir de uma heteronormatividade, o ser mulher ou não.

MENU | g1 PERNAMBUCO

Vereadores rejeitam título de Cidadã Recifense a professora por ela ser trans: 'Não se preocupam com nossa vulnerabilidade', diz

Declaração feita por Michele Collins (PP) foi considerada transfóbica por Ivan Moraes (PSOL), que afirma que vai denunciá-la na Comissão de Ética da Câmara.

Por **Pedro Alves**, **Fernanda Soares***, g1 PE
13/12/2023 10h00 · Atualizado há 14 horas

[f](#) [wa](#) [s](#)



Dayanna Louise Santos é professora e doutoranda em educação — Foto: Reprodução/WhatsApp

Fonte/imagem: G1 PE.

Sobre gênero e a questão LGBTQIA+, Judith Butler (2016), por sua vez, amplia a afirmativa de Beauvoir (1970) e outros autores e autoras que discorrem sobre as desigualdades advindas do binarismo homem e mulher, elencando o desvalor da mulher dentro da sociedade em comparação aos homens, ao passo que expande a discussão quando enuncia que

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser (Butler, 2016, p. 59).

Ao considerar tais construções sociais, como é o caso aqui, relativas ao masculino e ao feminino, há de se ponderar as relações de poder invólucras a esse contexto, substanciando o fato de que as sociedades mudam e com elas as suas percepções, no entanto, é inegável que a mulher ao longo da história foi subestimada e relegada a papéis sociais subalternizados ao homem.

Nesse contexto, Bauman e May (2010) informam que

[...] aquelas atividades fundamentais à sociedade, como reprodução, tarefas domésticas, e criação de filhos, foram colocadas à parte, como domínio exclusivamente feminino, e, de modo compatível, desvalorizadas. Essa não é uma divisão de trabalho dada simplesmente por funções reprodutivas diferenciadas. Ela sustenta relações de poder que tendem a favorecer os homens (Bauman e May, 2010, p.171).

É notável que a questão de gênero, circunscreve muitos preconceitos especialmente no que tange a identidade de gênero, uma vez que, a mesma se confunde com o sexo e a sexualidade dos sujeitos. Para tanto, é mister compreender as relações existentes entre sexo e gênero, como demonstra a figura a seguir.

SEXO	GÊNERO
É biológico	É cultural
Função de reprodução	Função de organização social
Diferenças orgânicas	Desigualdade
Não muda	Pode mudar com o desenvolvimento pessoal
Depende dos cromossomos	Depende da cultura e da sociedade
Se transmite geneticamente	Se transmite socialmente

Psicologia-Online 

Fonte/imagem: <https://br.psicologia-online.com/qual-a-diferenca-entre-sexo-e-genero-974.html>

Considerando a questão biológica referente ao genótipo, o sexo é definido cromossomicamente e expresso fenotipicamente por meio da maneira como os corpos se constituem, em sua estrutura físico-biológica-anatômica.

Entretanto, este fenótipo pode não representar a identidade de gênero dos sujeitos, uma vez que, em sua constituição cidadã, pautada nas suas escolhas e na compreensão de mundo, a identidade a qual vai optar se expressar pode ser distinta daquela determinada tanto pelo genótipo quanto pela heteronormatividade que alicerçam a maioria das sociedades.

Bauman e May (2010) reiteram que, considerando a sexualidade,

O fato da sexualidade não ser puramente “natural”, mas também um fenômeno cultural, não é, entretanto, novidade de nosso tempo. Os seres humanos sempre nasceram com órgãos genitais de macho e de fêmea e características corporais secundárias de macho ou fêmea. Mas, em todas as épocas, os hábitos e os costumes culturalmente modelados, ensinados e aprendidos definiram o significado de ser “masculino” ou “feminino”. Não obstante, o fato de “masculinidade” e “feminilidade” serem construções humanas, não naturais e, como tais, abertas à mudança, foi suprimido na maior parte da história da humanidade (Bauman e May, 2010, p. 170).

Tendo em vista essa discussão, é mister possibilitar ampliar os olhares e ressignificar as percepções de si e do outro, a fim de resgatar o respeito pelas decisões acerca da identidade de gênero e a escolha das pessoas sobre si mesmas.

Para tanto, é relevante entender o que é a identidade de gênero. Desse modo, conceituando a luz da Defensoria Pública do Estado do Paraná (2022, p.1)

Identidade de gênero diz respeito à experiência interna e individual relacionada ao gênero com o qual a pessoa se identifica. A identidade de gênero não está necessariamente relacionada com características biológicas tipicamente atribuídas aos sexos masculino e feminino. Há pessoas que se identificam com um gênero diferente daquele do seu nascimento. Quando a identidade de gênero de uma pessoa corresponde ao seu sexo biológico, dizemos que essa pessoa é **cisgênera**. Quando, por outro lado, a pessoa se identifica com um gênero diverso daquele que lhe foi designado ao nascer, trata-se de pessoa **transgênera** ou, simplesmente, **trans**. Fonte/texto: <https://www.defensoriapublica.pr.def.br/Pagina/Voce-sabe-o-que-e-identidade-de-genero>. Acesso em: 12 dez. 2023.

É possível ilustrar o conceito de identidade de gênero também com a ajuda da figura a seguir.



Fonte/imagem: <https://static.significados.com.br/foto/identidade-de-genero-0.jpg>.

Elucidadas algumas questões acerca desse tema complexo e importante para a construção de uma sociedade mais equânime, justa e respeitosa, sugere-se que haja um diálogo contínuo com os/as estudantes e que os mesmos possam

investigar/pesquisar junto com o/a professor/a outras definições e discussões sobre o conceito de gênero e identidade de gênero, alavancando os diálogos cooperativos para a aprendizagem mútua, incorporando essa temática, na sala de aula, à luz de exemplos presentes na história e nos cotidianos.

Um excelente exemplo, é o livro *“Luzia e a chave da verdadeira verdade”*, publicado em 2019, pelo autor pernambucano Ricardo M. Silva, em que se aborda, de forma literária, como mote questões relativas à sexualidade, gênero, identidade de gênero, representando, uma perspectiva literária em diálogo com as ciências sociais que buscam enunciar estes conceitos, sendo um bom subsídio para concatenar os conceitos estudados neste capítulo, estabelecendo espaços de conversas e debates com os/as estudantes para construção de uma aprendizagem significativa.



Fonte/imagem: Silva, 2024.

Orientações para a realização de atividades

Considerando que o eixo estruturante é o da *Investigação Científica* nesta Unidade Curricular, sugere-se como atividade, para atender mais sobre o feminino e o masculino, enveredar por pesquisas sobre os diversos tipos de femininos/mulheres que existem, para além do que determina o sexo biológico e crie-se a partir da pesquisa uma cartilha para divulgação ou virtual (que geralmente é sem custo) ou física, sobre o que é ser mulher na contemporaneidade.



Fonte/imagem:

https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/setembro/mais-mulheres-na-politica-abre-50-mil-vagas-para-capacitacao-de-candidatas-as-eleicoes-2020/women-faces-pattern-women-s-day_23-2148421369.jpg/@images/639428a7-fcbf-4409-8196-af0c4de46720.jpeg

Outra sugestão de atividade, é pesquisar com os/as estudantes da sua escola as identidades de gênero que eles têm e, a partir daí, promover uma roda de conversa com representantes dos diversos femininos que se constituem socialmente na contemporaneidade, a fim de criar um espaço de diálogo e corresponsabilidade social entre os/as jovens, no intuito de mitigar os preconceitos dentro e fora do ambiente escolar.



Fonte/imagem:

https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Ffepolitica.org.br%2Fwp-content%2Fuploads%2F2019%2F08%2Froda-de-conversa.jpg&tbnid=63OTEI_giPJ-cM&vet=12ahUKEwji_bu_j4-DAxWUN7kGHctLC6MQMygSegUIARCSAQ.i&imgrefurl=https%3A%2F%2Ffepolitica.org.br%2Fgirando-o-nordeste-com-a-acao-rodas-de-conversa%2F&docid=TVYzHHddbrZmoM&w=590&h=443&q=roda%20de%20conversa&ved=2ahUKEwji_bu_j4-DAxWUN7kGHctLC6MQMygSegUIARCSAQ

Orientações para avaliação

No que tange a avaliação deste capítulo, propõe-se que seja utilizado um jogo tipo quiz e que ele seja parte da produção dos/as estudantes a partir das pesquisas realizadas.

Para tanto, sugere-se que seja feita a elaboração do jogo e a sua aplicação entre os/as estudantes das turmas envolvidas, sob a supervisão do/a professor/a. Caso decida-se a fazer um jogo virtual, sugere-se o uso da plataforma virtual *Wordwall*, disponível no link: <https://wordwall.net/pt/myactivities>, por ser uma plataforma digital gratuita, que permite criar um *login* para acessar e criar as atividades que o/a professor/a ou o/a estudante queiram.

Wordwall

Início Recursos Comunidade Minhas Atividades Meus Resultados Criar Atividade Atualização rafaelarodrig...

A maneira mais fácil de criar seus próprios recursos didáticos.

Prepare atividades personalizadas para sua sala de aula.
Questionários, competições, jogos de palavras e muito mais.

Professor

Impressíveis Interativos

21.913.708 recursos criados

Muito fácil

Crie um recurso personalizado com apenas algumas palavras e alguns cliques.

Fonte/imagem: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/wp-content/uploads/2021/12/1-19.png>.

3. Os movimentos sociais feministas e as construções das bases legais de apoio à mulher

Na história da humanidade muitas atrocidades foram cometidas contra as mulheres, principalmente àquelas que se posicionaram com ideias e comportamento à frente de seu tempo, especialmente as pioneiras em inventar e criar soluções aos problemas humanos; muitas vezes eram mal vistas, discriminadas e até assassinadas pelos indivíduos da sociedade.



Fonte/imagem:

<https://www.fatosdesconhecidos.com.br/wp-content/uploads/2019/05/ca%C3%A7a-as-bruxas.png>

Nesse contexto, foram sendo criadas resistências e desobediências femininas que impactaram o modo como a sociedade via a mulher, já que esta mesma sociedade estava construída para o privilégio do masculino e sob a ótica patriarcal e machista. Destarte, esse legado perpetuou-se, infelizmente, e o machismo impera soberano em muitos grupos sociais e lares mundo afora.

Contudo, para tecer olhares de valorização e respeito legítimo às mulheres, seja por uma mudança no modo de pensar e agir, de forma voluntária ou a partir dos rigores das leis, os movimentos feministas passaram a compor um importante instrumento de mobilização e ação para a transformação social.

Dessa forma, considerando a contemporaneidade, esses movimentos tiveram, desde o seu início, em meados da década de 1960, um viés contra-hegemônico e pioneiro, frente aos contextos sociais vigentes em cada época, que degradaram a imagem, os corpos e as capacidades femininas e puseram em xeque a importância do lugar da mulher na sociedade em comparação aos homens.



Fonte/imagem:

<https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Fwww.politize.com.br%2Fwp-content%2Fuploads%2F2022%2F03%2Fmovimento-feminista.png&tbnid=6YmF2Y4Y6R0KVM&vet=12ahUKEwiXx4iwmY-DAXUKNrkGHeq0CvsQMygCegQIARBE..i&imgrefurl=https%3A%2F%2Fwww.politize.com.br%2Fmovimento-feminista%2F&docid=d7wwE6r2PELQGM&w=835&h=538&q=movimentos%20feministas&ved=2ahUKEwiXx4iwmY-DAXUKNrkGHeq0CvsQMygCegQIARBE>

Bauman e May (2010, p. 172) endereçam a essa questão a importância do movimento feminista, pois que, segundo eles: “O movimento feminista desafiou as desigualdades sociais baseadas em características sexuais do corpo. Sua longa campanha trouxe grandes resultados, mas as mudanças na legislação não são capazes de conquistar a igualdade”.

Desse modo, a busca pela igualdade de gênero perpassa pelos movimentos feministas que, ao longo do tempo, ampliaram as discussões e agregaram valores contemporâneos, a fim de minorar as desigualdades não só entre homens e mulheres mas, também, entre as mulheres, nas perspectivas das suas identidades de gênero.



Fonte/imagem:

https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.nexojournal.com.br%2Facademico%2F2019%2F05%2F01%2FQual-o-papel-da-Marcha-das-Vadias-no-movimento-feminista&psig=AOvVaw1elZSVBuln5K4odolwwKJ7&ust=1702652607563000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CBEQjRxqFw_oTCKie_MSZj4MDFQAAAAAdAAAAABAP



Fonte/imagem:

<https://www.mujiresdelsur-afm.org/wp-content/uploads/2019/08/LANCAMENTO-ENCONTRO-FEMINISTA-NACIONAL-GRANDE.jpg>

Entretanto, embora haja todo um esforço de congregar a sociedade e seus diferentes sujeitos, esse consenso não é comum e nem reconhecido de fato, em alguns ambientes, como o ambiente profissional, onde as mulheres sofrem assédios, desvalor, estereotipação, além da política, onde elas estão inseridas de forma sutil, assim como no ambiente familiar, onde também sofrem violências diversas e estão

subjugadas aos caprichos de uma masculinidade tóxica que, infelizmente, faz parte do imaginário e do concreto em lares no mundo inteiro.

Seja por questões culturais, ou por naturalização, esses cenários seguem ciclos de vai e vem onde os avanços ocorrem, em prol das mulheres e nas reviravoltas, retoma-se com força o ódio e misoginia que alicerçam as violências e opressões para com as mulheres, embora em algumas sociedades estas representem uma maioria social, como ocorre com o Brasil.

Ampliando esse debate, o site POLITIZE! (2018, s-p), traz sobre o movimento feminista que,

O movimento feminista traz em sua trajetória grandes conquistas que muitas vezes passam despercebidas aos nossos olhos. Porém, a caminhada ainda é grande quando se pensa em respeito aos direitos da mulher e igualdade entre os gêneros. Algumas bandeiras em particular do movimento merecem grande atenção, como a violência contra a mulher, a diferença salarial entre gêneros, pouca inserção feminina no meio político, casos de assédio e preconceito contra a mulher, necessidade de exames preventivos e maior informação, acesso a métodos contraceptivos gratuitos e amamentação em lugares públicos. Uma grande parte do movimento feminista luta também pela descriminalização do aborto, entendendo que muitas mulheres perdem a vida, submetendo-se a procedimentos clandestinos executados por pessoas que poucas vezes possuem formação profissional adequada para realizá-los.

Considerando a realidade brasileira, é importante mencionar que os marcos legais têm sido conduzidos a partir dos diferentes tipos de violações e violências que as mulheres têm sofrido ao longo da história nacional, sendo essas violências institucionais, sociais, patrimoniais, de privacidade, físicas etc. e até mesmo a morte, são alvo de estatísticas perversas, mas que demonstram o quanto precisamos avançar nas discussões e alfabetização de gênero nas escolas e também para além delas.

O infográfico a seguir, que foi produzido pelo site POLITIZE!, ilustra parte dessa trajetória legal e as lutas que levaram-nas a acontecer, trazendo subsídios para refletir sobre os avanços e os entraves que circunscrevem as questões legais acerca das lutas pelos direitos das mulheres por igualdade, equidade, respeito à vida e a seus corpos e modos de pensar, sentir e viver.

Polítize! Conteúdos ricos, divertidos e gratuitos sobre política,
formando cidadãos mais conscientes e capazes de mudar o Brasil.
Acesse e contribua: www.politize.com.br

A LUTA DAS MULHERES POR DIREITOS NO BRASIL

1500 - 1822

No Brasil Colônia as mulheres buscavam direito à vida, política, à educação, direito ao divórcio e livre acesso ao mercado de trabalho.

1822 - 1899



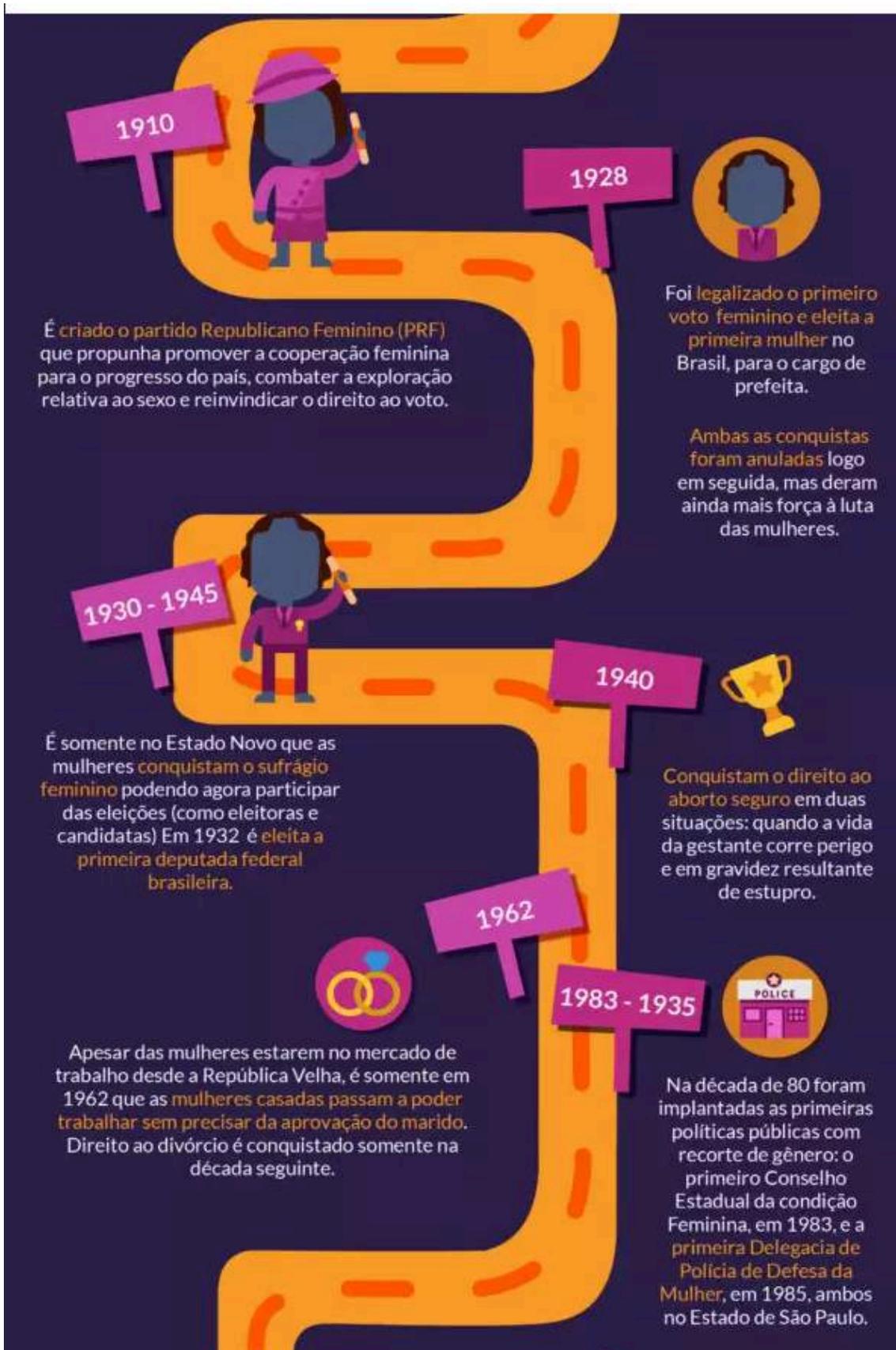
Somente no Império as mulheres conquistaram o direito à educação. Contudo o direito de participar da vida política continuava sendo um desafio.

1889 - 1930

No período da República Velha, as mulheres predominavam como força de trabalho na indústria têxtil, mas ainda buscavam a regularização do seu trabalho e salário igualitário em relação aos homens.



No mesmo período passam a ser aceitas no serviço público e voltam a ganhar força as discussões sobre sua participação na política brasileira.





Fonte/imagem: <https://www.politize.com.br/movimento-feminista/>

Essa ilustração congrega parte da história de lutas das mulheres no Brasil e inspira a discussão para além dos marcos temporais expostos. É evidente que as desigualdades e violações contra as mulheres, infelizmente, ganharam e ganham novos capítulos a cada dia. A sociedade sempre flerta com os preconceitos de forma a ressignificá-los e/ou pô-los em evidência por meio de discursos de ódio e

fundamentalismos que, muitas vezes, pautam-se em um pensamento colonial de enxergar a mulher como posse, território, objeto e como algo sem valor.

É explícito que esse debate não está totalmente representado aqui por se tratar de uma discussão complexa e aprofundada, fruto de muito tempo de lutas pelo fortalecimento do feminino frente ao masculino, não necessariamente em sua oposição, mas, para superar as injustiças e reparar os danos com as políticas públicas adequadas.

No entanto, foram lançadas algumas provocações teóricas que visam instigar novos debates, trazendo como mola propulsora a pesquisa e novos objetos de análise que dialoguem com essa temática e que aqui não foram mencionados.

Orientações para realização de atividades

Com base no infográfico do *POLITIZE!*, apresentado anteriormente, construa a continuação da linha do tempo e seus referenciais de violências contra a mulher e resistências e conquistas femininas também, adicionando as leis que foram criadas após os períodos apresentados.

Para tanto, sugere-se utilizar o link: <https://eadbox.com/ferramentas-para-criar-infografico/> que disponibiliza informações sobre sete ferramentas digitais para criar infográficos, como ilustra a imagem a seguir.

O que você vai ler nesse artigo?

- ▶ 7 ferramentas para criar infográfico
 - ▶ ▶ 1. Venngage
 - ▶ ▶ 2. Visme
 - ▶ ▶ 3. Piktochart
 - ▶ ▶ 4. Adobe Photoshop
 - ▶ ▶ 5. Canva
 - ▶ ▶ 6. Google Charts
 - ▶ ▶ 7. Visual.ly
- ▶ Já escolheu qual dessas ferramentas para criar infográfico é a ideal para você?

Fonte/imagem: <https://eadbox.com/ferramentas-para-criar-infografico/>

Outra proposta de atividade, é pesquisar sobre quais os principais movimentos feministas que existem no Brasil e no mundo, e construir um mural informativo ilustrado, trazendo imagens curadas da internet e de desenhos dos/as próprios/as estudantes sobre o assunto, de forma a construir um texto imagético auto-explicativo.

Uma terceira proposta de atividade, diz respeito a Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher - DataSenado 2023, que aponta estatisticamente as violências sobre a mulher e sob vários aspectos.

Pesquisa DataSenado:
**Pesquisa Nacional
de Violência
contra a Mulher**

Novembro/2023

Instituto de Pesquisa
DataSenado

Secretaria de
Transparência



Fonte/ imagem:

<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/pesquisa-nacional-de-violencia-contra-a-mulher-datasenado-2023>

Orientações para avaliação

No que tange a avaliação desta unidade, cabe inferir sobre a construção do argumento de forma verbal e não verbal, a partir das produções e interlocuções dos/as estudantes, ao explicar suas pesquisas por meio de suas produções.

Para tanto, sugere-se fazer uso da rubrica, neste capítulo, uma vez que, proporciona, ao/a professor/a, uma maior interação com o processo criativo dos/as estudantes.

<i>Crerios avaliativos - Rubrica</i>	
<i>- Apresentou as etapas da(s) atividade(s) inadequadamente ou fez apenas uma das etapas; - Foi faltoso e pouco participativo.</i>	<i>Insatisfatório (<4,0)</i>
<i>- Apresentou parcialmente as etapas da(s) atividade(s); - Foi faltoso, porém sua presença foi participativa.</i>	<i>Elementar (4-6)</i>
<i>- Apresentou mais da metade da(s) atividade(s); - Foi assduo, porém pouco participativo.</i>	<i>Parcialmente satisfatório (6-8)</i>
<i>- Apresentou todas as etapas da(s) atividade(s) - Foi assduo e participativo.</i>	<i>Satisfatório (8-10)</i>

4. Referências bibliográficas

ALVES, P.; SOARES, F. **Vereadores rejeitam título de Cidadã Recifense a professora por ela ser trans: 'Não se preocupam com nossa vulnerabilidade'**, diz. G1 PE. Publicado em 13 dez. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2023/12/13/vereadores-rejeitam-titulo-de-cidada-recifense-a-professora-por-ela-ser-trans.ghtml>. Acesso em: 14 dez. 2023.

BAUMMAN, Z; MAY, T. **Aprendendo a pensar com a Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 4.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

DATASENADO. **Pesquisa Nacional de Violência Contra a Mulher - Datasenado 2023**. Senado Federal. Publicado em 21 nov. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/pesquisa-a-nacional-de-violencia-contra-a-mulher-datasenado-2023>. Acesso em: 14 dez. 2023.

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DO PARANÁ. Governo do Estado do Paraná. **Você sabe o que é identidade de gênero?**. Publicado em: 6 nov. 2022. Disponível em: <https://www.defensoriapublica.pr.def.br/Pagina/Voce-sabe-o-que-e-identidade-de-genero>. Acesso em: 12 dez. 2023.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. (Livro digital). Rio de Janeiro: Edições Bestbolso, 2017.

FIRMINO, F. H.; PORCHAT, P. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. **Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ.**, Araraquara, v.19, n.1, p. 51-61, jan./ jun. 2017. ISSN: 1413-2060.

MILL, J. S. **A sujeição das mulheres**. (Livro digital) Brasil: Lebooks editora, 2019.

RORTY, T. Feminismo, ideologia e desconstrução: uma visão pragmática *In* ZIZEK, M. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 227 - 235.

SCOTT, J. W. **Gênero**: uma categoria útil para a análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1995. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%A0nero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 12 dez. 2023.

SILVA, R. S. da. **7 Ferramentas para criar infográficos que vão facilitar sua rotina**. Publicado em 7 mai. 2018. Disponível em: <https://eadbox.com/ferramentas-para-criar-infografico/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

SILVA, R. M. da. Luzia e a chave da verdadeira verdade. Olinda: Livro Rápido, 2019.

RECURSOS. *Wordwall*. Disponível em: <https://wordwall.net/pt>. Acesso em: 14 dez. 2023.

TRISTÁN, F. **Peregrinações de uma pária**. Tradução: Maria Nilda Pessoa. Florianópolis- SC: Editora Mulheres, 2000.